

Estudantes podem contribuir mais

Participação maior dos alunos pode melhorar interação entre pesquisa e intervenção social

FRANCO DE MATOS

A cooperação universidade-empresa tem papel relevante na discussão sobre ensino e pesquisa num momento em que a universidade sente a necessidade de se tornar mais atuante diante das demandas sociais. De fato, muitos avanços foram alcançados, com a criação de diversos canais que possibilitam uma mais rápida interação entre a pesquisa e a intervenção social. No entanto, os estudantes de graduação ainda têm muito pouco espaço para desenvolver sua contribuição nesse debate.

A importância de rever a participação de estudantes de graduação em projetos de cooperação universitária justifica-se pelo fato de haver um número considerável desses estudantes em instituições de ensino superior sem oportunidade de se desenvolver a partir de experiências práticas e sem espaço para uma contribuição social efetiva. O ensino, então, torna-se falho, já que não são aproveitados todos os instrumentos disponíveis para enriquecê-lo. Pode-se citar algumas dessas falhas: o pouco contato com a realidade social, a complacência ao estágio irresponsável e a carência de experiências multidisciplinares.

A Empresa Júnior mostra-se um instrumento eficaz no tratamento desses três problemas.

Trata-se de uma associação civil sem fins lucrativos, formada e dirigida por estudantes de graduação, que realiza projetos para a sociedade buscando o enriquecimento da formação no estudante. É um laboratório, tem a orientação de professores e se coloca diante dos problemas da sociedade e do mercado. Demonstra que os estudantes podem contribuir com a sociedade, ainda na graduação, e cada qual pode e deve ser lapidado conforme suas potencialidades. A Empresa Júnior proporciona à sociedade projetos de consultoria e estudos por um custo abaixo do de mercado, realizados por universitários com orientação de profissionais competentes. Pode oferecer desde projetos de consultoria para microempresas, setor carente desse tipo de serviço (nas áreas de marketing, viabilidade econômica e financeira ou engenharia, geologia, etc.), até estudos sócio-econômicos para comunidades carentes.

A falta de contato com a realidade social é fruto de uma estrutura curricular voltada para a formação teórica, que pouco privilegia experiências aplicadas ou estágios integrados. É verdade que se pode argumentar que esse é o propósito da graduação, mas também é verdade que são poucos os estudantes que partem para uma pós-graduação, para um bom programa de treinamento ou complementação

acadêmica com tal finalidade. Se é patente que o estudante brasileiro ingressa muito novo na universidade, deveria ser dada maior atenção quanto à bagagem que ele deve ter adquirido ao sair formado.

A consequência dessa falha da formação traduz-se em profissionais malpreparados e alienados da realidade social e de mercado. O estágio viria suprir essa deficiência, mas atualmente são poucos os que merecem consideração como complementação acadêmica enriquecedora. Muitas firmas perceberam logo que o estagiário poderia ser utilizado como mão-de-obra altamente qualificada sem o custo do recolhimento de encargos de qualquer outro tipo de funcionário. É raro, também, haver preocupação por parte da universidade em mudar esse comportamento.

**E
STÁGIO
SUPRÉ MÁ-
FORMAÇÃO
PROFISSIONAL**

Por fim, a experiência da interdisciplinariedade, fundamental para qualquer profissional, também não encontra muito espaço na graduação: a Empresa Júnior mostra soluções para essas falhas. É missão da universidade apoiar instrumentos com esses propósitos, desenvolver outros e criar condições para que interajam. Ganham os estudantes, a universidade, o mercado e a sociedade.

■ *Franco de Matos é estudante de economia da USP e ex-diretor-presidente da Federação das Empresas Júniores de São Paulo*